

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
OS VALORES SEMÂNTICOS DO GENITIVO
NA TRADUÇÃO BÍBLICA

Francisco de Assis Florencio (UERJ)
ff017066@gmail.com

RESUMO

O nosso trabalho tem por objetivo identificar as várias nuances do genitivo, a partir da sua tradução na construção “A de B”. Para tanto, faremos uso de quatro versões bíblicas, sendo uma mais formal, duas que possuem um texto mais crítico e a última segundo a linguagem comum de nossos dias. Procuraremos verificar, primeiramente, se há diferenças entre as três primeiras versões e, em seguida, faremos a comparação entre elas e a nova tradução na linguagem de hoje (NTLH). Feita a comparação, identificaremos a relação expressa em cada um dos versículos escolhidos. A comparação destas versões com a NTLH se deve ao fato de esta tradução ter sido feita de acordo com os preceitos da tradução por equivalência dinâmica, enquanto as outras, na maior parte do texto, por equivalência formal. A nossa base teórica está fundamentada na obra *Theory and Practice of Translation* (NIDA – 1982). Segundo este livro, uma mesma construção gramatical (A de B) pode representar diferentes tipos de relações e, em consequência disto, muitos diferentes significados.

Palavras-chave: Genitivo. Versões bíblicas. Bíblia. Equivalência dinâmica. Tradução.

1. Introdução

O genitivo talvez seja o caso mais complexo, em termos de possibilidades de tradução do latim e do grego para as línguas modernas. Isso se deve primeiramente à preposição utilizada para a sua tradução. Vejamos o que diz Manoel Said Ali:

De é a preposição empregada com mais frequência e para fins diversos. Exprime em latim a princípio afastamento no sentido “de cima para baixo”, diferindo de *ab* que significava afastamento no sentido horizontal. Executando-se, porém, na prática os movimentos segundo linhas mais ou menos inclinadas, desfazia-se a o sentimento rigoroso de das noções “vertical” e “horizontal” e *de* se confundia com *ab*. Sacrificada foi afinal esta última. Não estava fadada a perpetuar-se a distinção que se fazia, por meio de preposições, entre o afastamento precedido de movimento de dentro para fora e a separação partida dum ponto da superfície. *De* torna-se semelhante a *ex*, e estoura preposição desaparece por supérflua. (SAID ALI, 1965, p. 204)

Fernando Tarallo, ao comentar as palavras do grande mestre, acrescenta: “Assim, o detalhamento de funções, expressas através de casos em latim clássico, aparece em português semelhantemente marcado pela preposição *de*, conforme o exemplifica Said Ali” (TARALLO, 1990, p. 135). A partir daqui ele cita exemplos de alguns tipos de geniti-

vo, tais como o subjetivo, o objetivo, o possessivo, o especificativo, o de qualidade e o partitivo, mostrando, assim, a enorme gama de possibilidades existentes na hora de vertermos o genitivo para o português.

A professora Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio também comenta o grau de dificuldade apresentado pela preposição *de* em razão das inúmeras acepções por ela desempenhadas:

Na passagem do latim para o português, a preposição *de* foi a que alcançou maior ampliação no seu campo semântico, sendo acrescida de muitas novas acepções; entre as preposições, *de* é a que se encontra em maior grau de abstração. (POGGIO, 2002, p. 188)

O teólogo Wilson Scholz, ao comentar o emprego do genitivo no texto bíblico, diz: “Um dos pontos em que o grego se mostra ambíguo – e o português não é diferente, neste particular – é no uso do caso do genitivo” (SCHOLZ, 2013, Cap. 2). A solução para essa dificuldade e ambiguidade é, segundo ele, o contexto. Exemplificando, em uma frase como “carta de Cristo”, ele explica a ambiguidade aqui existente entre Cristo e a carta, em razão dos inúmeros valores do genitivo: a carta pertence a Cristo?; a carta foi enviada a Cristo ou foi ele quem escreveu a carta? A sua conclusão, pelo contexto, é de que Cristo é o autor da carta.

Visando resolver essa questão, ou seja, de apenas traduzir o genitivo pela preposição “de”, passando para o leitor a responsabilidade de entender o que está sendo dito, Eugene Albert Nida e Charles Russell Taber, indo de encontro às versões tradicionais, que trabalham as palavras segundo as dez classes de palavras, conforme apresentadas nas gramáticas normativas, irão trabalhá-las por categorias, restringindo-as a apenas quatro categorias e removendo as ambiguidades resultantes da construção “A de B”:

Na análise do texto da Bíblia, algumas vezes, é bastante surpreendente descobrir que a identificação correta da função transformacional de certas unidades lexicais revela grande diferença em relação ao que tradicionalmente se pensava. Assim, palavras como “graça” (em “a graça de Deus, por exemplo), “justiça” (como usada por São Paulo para falar de “a justiça de Deus”) e “palavra” (na expressão “palavra de Deus”) não se referem basicamente a palavras-entidades abstratas (como se esperaria em “graça” e “justiça”) nem a palavras-objeto (como no caso de “palavra”), mas a palavras-evento, ou seja, “Deus manifesta graça”...; “Deus faz justiça”; e “Deus fala”. (NIDA, 1964, p. 13; *apud* RODRIGUES, 2000, p. 70)

As categorias semânticas trabalhadas pelo teólogo assim se apresentam: objetos, também chamados de seres ou entes; acontecimentos ou eventos; qualidades e relações. As palavras-objeto englobam os substan-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

tivos e os pronomes; as palavras-evento, por denotarem ações, correspondem aos verbos; as palavras-entidades abstratas exercem o papel que caberia aos adjetivos e aos advérbios; já as “relações” têm, por equivalente, as conjunções e as preposições. Assim, do ponto de vista semântico, palavras que, em termos gramaticais, são classificadas como “substantivos” podem funcionar, a rigor, como “verbos”, pois denotam uma ação, como acontece com os seguintes exemplos: “a vontade de Deus”; “a criação do mundo” e “filhos da desobediência”. Aqui, as palavras-objeto regidas pela preposição “de” funcionam como palavras-eventos: “Deus quer”, “cria o mundo” e “filhos que desobedecem”. Essa análise leva o linguista a dividir os sintagmas, construídos segundo o modelo “A de B”, de acordo com a função desempenhada pelas palavras: Núcleo: “Deus quer” e sua representação: B (objeto = Deus) desempenha A (evento = quer); núcleo: “filhos que desobedecem” e sua representação: A (objeto = filhos) desempenha B (evento = desobediência).

Esse novo jeito de traduzir o texto bíblico foi que deu origem, em espanhol, a *Versión Popular* e, em inglês, ao Novo Testamento da *Today's English Version*, ambas em 1966. Em nossa língua, apenas em 1973, veio à luz o novo testamento da tradução na linguagem de hoje (TLH), graças aos esforços da Sociedade Bíblica do Brasil. Após revisões na TLH, surgiu, em 2000, uma nova versão: a nova tradução na linguagem de hoje. É sobre ela que nos debruçaremos para entendermos as múltiplas acepções da construção “A de B”, cotejando-a com outras três versões: a nova versão internacional (NVI), a Almeida corrigida e fiel (ACF) e a Bíblia de Jerusalém (BJ).

2. A construção “A de B” na NTLH e nas outras três versões

A nossa análise se dará, primeiramente, pela apresentação da construção “A de B”; em seguida, mostraremos como ela ficou na NTLH (nova tradução na linguagem de hoje), segundo a teoria de Eugene Albert Nida e Charles Russell Taber; por fim, veremos como a construção é representada nas outras versões em estudo.

O primeiro sintagma que abordaremos se encontra em Efésios 1.4. Nesta passagem, encontramos o vocábulo *καταβολης*, literalmente “fundação”, e seu genitivo *κοσμου*. Ao vertermos para nossa língua, a preposição “de” substituirá o genitivo e a tradução literal será “antes da fundação do mundo”. Antes de analisarmos o valor sintático desta construção, vale apenas destacar o porquê da escolha de “criação” nas versões mais

modernas (NVI e NTLH). A palavra “fundação” (ACF e BJ) pode ser empregada com valor de objeto, como no exemplo: “A fundação da casa” ou como sinônimo de instituição, organização: “A Fundação de Apoio à Escola Técnica”. No contexto da epístola, porém, o substantivo “fundação” não se encaixa em nenhum destes exemplos. Isso ocorre pelo fato de, no contexto bíblico, ele não se caracterizar como um objeto, mas como um evento, o que, com certeza, leva as versões mais recentes a traduzi-lo como “criação”. Outro fato que conduz a essa tradução é a presença da locução prepositiva “antes de”, que expressa relações de tempo entre eventos. Quanto à sintaxe, vale ressaltar que “a criação do mundo” pode ter valor passivo, equivalendo a “o mundo foi criado por Deus” ou, ainda, valor ativo, “Deus criou o mundo”.

Em Romanos 15.33, encontramos a construção $\theta\epsilon\omicron\varsigma\ \tau\eta\varsigma\ \epsilon\acute{\iota}\rho\eta\eta\eta\varsigma$, percebe-se que as versões não chegam a um acordo quanto ao emprego ou não do artigo definido antes de “paz”: na Almeida corrigida e fiel (ACF), temos “de paz”; na NVI e na BJ, encontramos “da paz”. Na tradição clássica, o emprego do artigo serve para identificar o “deus” a quem estamos fazendo referência, servindo, assim, como epíteto: deus da guerra, Marte; deus do amor, Eros; quando, porém, se quer falar do Deus cristão, costuma-se designá-lo por “Deus de amor”, ou seja, Ele tanto pode ser a origem do amor quanto a sua própria essência. Assim, com base neste exemplo, acreditamos que seria melhor a omissão do artigo. Ao traduzir a expressão pelo seu sentido (Deus, a nossa fonte de paz), a NTLH explica a origem de nossa paz. Já a frase “a paz de Deus” (Fil. 4.7), cujo genitivo tem valor de posse, diferencia-se do sintagma já comentado por expressar não a origem da paz, mas quem a concede. Deste modo, a palavra-objeto (Deus) nos concede a sua paz (evento).

Diferentemente de “Deus pacífico”, que não serviria para traduzir “Deus da paz” (cujo comentário aparecerá mais adiante), uma vez que a locução adjetiva não poderia ser substituída por um adjetivo, no sintagma $\tau\omicron\nu\ \lambda\omicron\gamma\omicron\nu\ \tau\eta\varsigma\ \acute{\alpha}\lambda\eta\theta\epsilon\acute{\iota}\alpha\varsigma$ (Efésios 1.13) a locução “da verdade” pode e deve ser traduzida como um adjetivo, razão pela qual a NTLH (nova tradução na linguagem de hoje) assim a entende: “a verdadeira mensagem”. Aqui, a palavra-abstrata (verdade) qualifica a palavra-evento (palavra).

No mesmo versículo, encontramos a construção $\tau\tilde{\omega}\ \pi\nu\epsilon\acute{\upsilon}\mu\alpha\tau\iota\ \tau\tilde{\eta}\varsigma\ \acute{\epsilon}\pi\alpha\gamma\gamma\epsilon\lambda\acute{\iota}\alpha\varsigma\ \tau\tilde{\omega}\ \acute{\alpha}\gamma\acute{\iota}\omega$ (pelo Espírito Santo da promessa). Aqui, “Espírito Santo” funciona como palavra-objeto e “promessa” como palavra-evento; assim, podemos interpretar a frase de duas maneiras: “o Espírito Santo que foi prometido por Deus” ou “o Espírito Santo que Ele havia

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

prometido”. A segunda opção foi a escolhida pela NTLH, onde “Deus”, que é o agente da promessa, fica subentendido pelo emprego do pronome “Ele”. Diferentemente das outras duas versões, que fazem uma tradução literal, a Bíblia de Jerusalém (BJ) vê o “Espírito Santo” como um genitivo apositivo e, por isso, assim constrói a sentença: “pelo Espírito da promessa, o Espírito Santo”.

Com exceção da Almeida corrigida e fiel (ACF) e da Bíblia de Jerusalém (BJ), que, por serem aqui mais fiéis ao original, empregam αυτου, que completa o versículo κατὰ τὸ πλοῦτος τῆς χάριτος (segundo a riqueza da sua glória), a nova versão internacional (NVI) (de acordo com as riquezas da graça de Deus) e a NTLH (Como é maravilhosa a graça de Deus), em Efésios 1.7, substituem o pronome pelo substantivo “Deus”, a fim de que não haja confusão entre a pessoa de Cristo e a pessoa do Pai, uma vez que a “graça” vem deste e não daquele. Eugene Albert Nida e Charles Russell Taber tecem o seguinte comentário sobre esse excerto:

Se nós examinarmos mais de perto o significado de graça, nós perceberemos que a graça de Deus não é uma coisa (substância) nem uma qualidade de Deus, mas expressa um tipo de ação ou comportamento da parte de Deus: Deus faz alguma coisa e isto é a ação (o evento) que nós chamamos de graça. Como o inglês não possui um verbo para expressar essa noção semanticamente simples, usamos a expressão mostrar graça. (NIDA, & TABER, 1982, p. 36)

O comentário de Eugene Albert Nida e Charles Russell Taber vem ao encontro do que diz Vilson Scholz: “Termos que, no original, alguns substantivos foram transformados em verbos, porque, do ponto de vista semântico, expressam uma ação ou um acontecimento” (SCHOLZ, 2013, cap. 2). Assim, do ponto de vista semântico, a melhor tradução seria “Ele mostra abundantemente a sua graça”.

No caso da construção “Jesus de Nazaré” (Mateus 26.71), percebemos que todas as versões a traduziram literalmente. Pode-se, porém, explicitar o genitivo a fim de que não se venha a confundir “a origem” com o “sobrenome”. Em nossos dias, muitos sobrenomes são oriundos de lugar, tais como “da Costa”, “da Mata”. Assim, para que não houvesse dúvida quanto à expressão “de Nazaré”, seria interessante traduzi-la por “natural ou oriundo de Nazaré”.

Dentre as várias cidades que o Mar da Galileia banhava estava Genesaré. O autor sacro, ao empregar τὴν λίμνην γεννησαρέτ, faz uso da metonímia, ou seja, usa uma parte do mar (Lago de Genesaré) para representar o seu todo (Mar da Galileia). Genesaré, que, por sua vez, é o apos-

to especificativo de “lago”, ou seja, não é qualquer parte dele, mas a parte que está localizada na cidade de Genesaré. Fica claro, assim, que a preposição “de”, aqui, é empregada para indicar o lugar onde estava localizado o lago e que a tradução da NTLH (nova tradução na linguagem de hoje), ao traduzir como o “Mar da Galileia”, esclarece, explicita que lago é este.

A expressão κυριος τοῦ σαββάτου, “Senhor do sábado” (Marcos 2.28) está dentro de um contexto em que os fariseus acusavam Jesus e seus discípulos de não guardarem o sábado, em razão de estes últimos terem colhido espigas no sétimo dia. O termo κυριος pode funcionar aqui como: a) um objeto, uma pessoa; b) um acontecimento, tendo, por isso, valor correspondente a uma construção verbal, significando, assim, “o ato de governar, comandar”. Esta é a razão por que a NTLH substituiu “Senhor do sábado” por “tem autoridade” e por que Eugene Albert Nida e Charles Russell Taber sugerem a interpretação “aquele que determina o que deve ser feito no sábado”. (NIDA & TABER, 1982, p. 37)

Em τοῦ υἱοῦ τῆς ἀγάπης αὐτοῦ, “do Filho do seu amor” (Colossenses 1.13), a palavra “amor” passa pelo mesmo processo que a palavra “fé”, quando, em alguns contextos, é precedida pela preposição “de”. Vejamos o comentário do teólogo Wilson Scholz sobre estes dois substantivos: “Fé é o ato de crer, ou seja, um acontecimento. O mesmo vale para `amor” (SCHOLZ, 2013, cap. 4). Seguindo esse pensamento, fica claro que o termo “amor”, neste versículo, não é um ente, um objeto, mas, por ter valor de evento, ação, pode ser substituído por uma forma verbal. Percebemos que isso se concretiza nas versões NVI e NTLH, quando “amado” (forma nominal do verbo “amar”) tem por agente “o qual” (Deus) e como objeto “seu filho” (Jesus). Uma outra opção de tradução e que talvez seja, semanticamente, a melhor é a empregada pela nova versão internacional (NVI) americana: “Porque ele nos resgatou do domínio das trevas e nos levou para o reino do Filho que ele ama”.³⁹ Aqui, a função de palavra-evento desempenhada pelo substantivo ἀγάπης fica mais explícito que nas outras versões.

Um destaque especial merece o capítulo 6 de Efésios:

13 Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo.

³⁹ For he has rescued us from the dominion of darkness and brought us into the kingdom of the Son he loves.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

14 Assim, mantenham-se firmes, cingindo-se com o cinto da verdade, vestindo a couraça da justiça

15 e tendo os pés calçados com a prontidão do evangelho da paz.

16 Além disso, usem o escudo da fé, com o qual vocês poderão apagar todas as setas inflamadas do Maligno.

17 Usem o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus.

No que concerne à “armadura de Deus”, a palavra aqui usada para “armadura” é *πανοπλία*, que, metaforicamente, refere-se “às virtudes do caráter cristão na luta contra o mal” (NIDA & TABER, 1982, p. 53). Como essas virtudes não podem ser adquiridas por conta própria, pois são oriundas de Deus e as outras traduções são literais, a melhor tradução para a frase acima é a da NTLH (nova tradução na linguagem de hoje): “a armadura que Deus dá a vocês”; sendo “Deus” a palavra-objeto que desempenha o evento.

Já o genitivo da frase “a couraça da justiça” é classificado por Ethelbert William Bullinger (2013) como apositivo. Assim, o entendimento deste estudioso é o de que aqui não se trata de qualquer ‘justiça’, mas da “justiça” que é de Cristo, gerando, assim, a seguinte explicação: “A justiça de Cristo que é a nossa couraça”.⁴⁰ Embora a tradução da NTLH acompanhe as outras versões, se levarmos em conta as palavras de Ethelbert William Bullinger, vamos concluir que uma boa tradução, segundo os princípios teóricos de Eugene Albert Nida e Charles Russell Taber seria “Cristo é a nossa couraça.”

Em “o escudo da fé”, o genitivo traz consigo a ideia de posse e, já que a “fé” é a possuidora do “escudo”, a melhor tradução seria “o escudo que a fé possui ou usa”, fazendo referência, assim, à pessoa de Cristo. Deste modo, a palavra “fé” é o objeto que desempenha um evento.

No versículo “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria...” (Prov. 9.10) temos um exemplo de genitivo subjetivo, ou seja, ele é o agente da ação. Assim, para que não houvesse dúvida sobre a função sintática de “Senhor”, bastaria trocar a preposição “de” pela preposição “a” que já deixaria o texto claro, a saber, “Deus não teme”, e sim “é temido”. Na NTLH, a construção aparece assim: “... temer ao Senhor”, o que nos leva a concluir que “temor” é uma palavra-evento, tendo “Senhor” como palavra-objeto.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 288: Christ’s righteousness being our breastplate.

Não se deve confundir “O Deus de paz” (Fl 4.9) com “a paz de Deus” (Fl 4.7). No primeiro sintagma, temos um genitivo que fica na fronteira entre origem e causa eficiente, uma vez que a nossa paz vem de Deus, Ele é quem causa a nossa paz. É por isso que assim encontramos esse trecho na NTLH: “E o Deus que nos dá a paz estará com vocês”. Já no segundo exemplo, que tanto na NTL quanto nas outras versões não sofreu alteração na forma, encontramos um exemplo de genitivo de posse, isto é, “a paz é d’Ele, pertence a Ele”, logo nada nem ninguém pode possuí-la, conforme as palavras de Ethelbert William Bullinger (2013, p. 40): “a paz que reina em sua presença...”⁴¹

Embora já tenhamos dado um exemplo, merece um destaque especial o vocábulo *πνευμα* na construção A de B, uma vez que a sua tradução ficará na dependência da natureza ou da atividade do Espírito. Antes de passarmos para os exemplos bíblicos, vale transcrever o que Vilson Scholz diz sobre este vocábulo na NTLH (nova tradução na linguagem de hoje):

No caso de `Espírito`, o que traduções de equivalência formal costumam fazer é grafar o termo com a letra inicial maiúscula. Isto ajuda o leitor, que vê o texto, mas de nada serve para o ouvinte, que não percebe a presença de uma letra maiúscula. Assim, por exemplo, na conhecida passagem de 2Coríntios 3.6, como em tantas outras, a Tradução na Linguagem de Hoje, em vez de de dizer apenas “o Espírito que vivifica”, optou por dizer de forma explícita “o Espírito de Deus dá a vida. (SCHOLZ, 2013, cap. 2)

Com a citação acima, fica evidente a preocupação do tradutor em especificar o tipo de espírito de que se está falando, ou seja, não é um espírito qualquer, mas o espírito que vem da parte de Deus. Dentre os inúmeros exemplos presentes no texto bíblico da construção *πνευμα* mais genitivo, destacamos, primeiramente, “o Espírito de adoção”. Aqui, o substantivo “adoção” funciona como um evento, pois funciona como um verbo: “Somos adotados pelo Espírito” ou “o Espírito nos torna filhos de Deus”, razão pela qual encontramos na NTLH: “o Espírito torna vocês filhos de Deus” (Rom 8.15), na NVI “o Espírito que os torna filhos por adoção” e, na Bíblia de Jerusalém (BJ), “um espírito de filhos adotivos”. As duas primeiras versões se equivalem quanto à pessoa do “Espírito” e quanto à condição daqueles que são adotados. A BJ, porém, ao escrever *πνευμα* com letra minúscula e empregar o artigo indefinido, dá a entender que não está a falar do “Espírito de Deus”, mas sim do “espírito humano”, a saber, “a disposição mental”, “a consciência” de

⁴¹ The Peace which reins in his presence,...

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

que o cristão deve ter de que não é mais escravo do pecado, e sim filho adotivo de Deus. Outro exemplo é “o Espírito da graça” (Hb 10.29). Ainda que nenhuma versão faça a equivalência dinâmica deste sintagma, Eugene Albert Nida e Charles Russell Taber apresentam duas possíveis construções para ele: “o Espírito que concede a graça” e “o Espírito que é gracioso para conosco” (NIDA & TABER, 1982, p. 52). Assim, no primeiro exemplo, “Espírito” é a palavra-objeto e “graça” a palavra-evento; já, no segundo, “graça” é uma palavra-abstrata que qualifica “Espírito”. Muito são os exemplos da construção em estudo com o vocábulo $\piνευμα$, por isso vamos nos ater a mais um exemplo apenas: “Espírito da vida”. Enquanto as outras versões mantêm a construção grega, a NTLH, seguindo a equivalência dinâmica e entendendo que a construção “da vida” se refere a uma atividade realizada pelo Espírito, traduz o sintagma por um evento desempenhado por ele: “Pois a lei do Espírito de Deus, que nos trouxe vida (da vida)...” (Rom 8.2).

O último vocábulo que analisaremos na construção A de B é $υιος$, “filho”. O nosso primeiro exemplo é o genitivo de classe ou tipo: “filho de...”. Assim, dependendo do contexto, muitas são as possibilidades de tradução deste sintagma. Deste modo, expressões como “filho do diabo” (At 13.10), “filho do inferno” (Mt 23.15) e “filhos do trovão” (Mc 3.17) deveriam ser reproduzidos, respectivamente, na NTLH, por “alguém que é como o diabo”, “merecedor do inferno” e “pessoas que são como o trovão; porém, na versão citada, apenas o segundo exemplo foi traduzido segundo o seu significado: “pessoa duas vezes mais merecedora do inferno”. A única versão que vai ao encontro da NTLH (nova tradução na linguagem de hoje), fugindo, assim, à tradução *ad verbum* é a Bíblia de Jerusalém (BJ): “vós o tornais duas vezes mais digno da geena do que vós.” Ao fazermos a comparação, percebemos que esta última versão omite o determinado “filho” – substituído por “pessoa” na NTLH – mas, em compensação, traduz literalmente o termo empregado para designar o “inferno”, ou seja, “geena”. Uma construção paralela às apresentadas é $υιος του θεου$, “Filho de Deus”, que em todas as versões continua tal qual o grego, mas que por fazer referência à essência e à natureza de Deus, pode ser assim traduzida: “o Filho que tem a mesma natureza de Deus”.

A palavra $υιος$ também aparece em várias expressões idiomáticas. A primeira a ser destacada é “filhos do reino”. Ela significa “povo do reino de Deus, povo de Deus”, mas a versão que mais se aproxima deste significado é a NTLH: “Mas as pessoas que deviam estar no Reino

serão jogadas fora,...” (Mt 8.12). Outros exemplos que também correspondem à construção “povo de Deus” são “filhos da luz” e “filhos do dia”, embora nenhuma tradução a utilize.

3. *Considerações finais*

A tradução por equivalência dinâmica é, sem dúvida, um grande passo na história da tradução bíblica. As traduções por equivalência formal trouxeram e trazem muitas dificuldades para o entendimento daqueles que começam a estudar ou já estudam a Bíblia. Muitas dessas dificuldades se devem ao fato de essas versões serem muito literais e de transmitirem para as línguas modernas construções próprias da índole grega e hebraica, estranhas, portanto, a um falante moderno. A construção “A de B” é um destes exemplos, pois os tradutores, ao levarem em conta apenas o aspecto gramatical, não conseguem passar para a língua receptora o real significado daquela construção dentro do contexto em que ela se encontrava. A NTLH, ao fazer a tradução do genitivo segundo critérios semânticos, explicita o real significado da construção “A de B”, facilitando, assim, a leitura e o entendimento. Não se pode esquecer, porém, que não há unanimidade quanto ao trabalho de Eugene Albert Nida e Charles Russell Taber, como podemos comprovar nas palavras da professora Cristina Carneiro Rodrigues:

O recurso ao contexto amplo a que Eugene Albert Nida remete acaba se reportando a uma determinada fé, não especificamente ao texto ou à cultura bíblica. A interpretação considerada indubitável é, assim, uma interpretação institucionalizada, ou doutrinária. (RODRIGUES, 2000, p. 73).

Apesar da crítica da professora ao trabalho de Eugene Albert Nida, a Igreja Católica Apostólica Romana aderiu, em 2005, à NTLH, conforme testemunho no site do Instituto Teológico Franciscano:

Mais uma edição da Bíblia aqui no Brasil. A novidade está no subtítulo, nova tradução na linguagem de hoje (NTLH), e também no fato de que a edição é na realidade uma coedição, de alcance ecumênico, de Edições Paulinas, católica, com a Sociedade Bíblica do Brasil, SBB, protestante.⁴²

⁴² Instituto Teológico Franciscano. Disponível em <http://www.itf.org.br/biblia-sagrada-nova-traducao-na-linguagem-de-hoje.html>

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULLINGER, Ethelbert William. *Figures of speech used in the Bible*. Explained and illustrated. USA: Delmarva Publications, 2013.

INSTITUTO Teológico Franciscano. Disponível em:
<<http://www.itf.org.br/biblia-sagrada-nova-traducao-na-linguagem-de-hoje.html>>.

NIDA, Eugene Albert; TABER, Charles Russell. *The Theory and Practise of Translation*. Netherlands: United Bible Societies, 1982.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: Edufba, 2002.

RODRIGUES. Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: UNESP, 2000.

SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SCHOLZ, Vilson. *40 anos de Bíblia na linguagem de hoje: as grandezas de Deus em nossa própria língua*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.